

“Bendito seja o fruto”: organização social e maternidade em Gilead

“Bendito sea el fruto”: organización social y maternidade en Gilead

“Blessed be the fruit”: social organization and maternity in Gilead

Beatriz Lima Ribeiro¹

Recebido em: 12/08/2019

Aceito em: 30/05/2020

Resumo:

O presente artigo pretende refletir sobre conceitos da teoria de parentesco e suas implicações a partir da distopia criada por Margaret Atwood no livro *O conto da Aia*. Com a análise da sociedade altamente hierarquizada de Gilead, pode-se pensar sobre os termos da teoria de parentesco e os desafios que foram postos ao longo da história da disciplina. O papel das mulheres, funcionalmente marcado nesta sociedade, questiona também o lugar que a maternidade ocupa na sociedade ocidental. Afim de ampliar a análise desses papéis e o entendimento do “ser mulher” nesse universo também me utilizo do recurso narrativo audiovisual da série de TV, inspirada pelo livro, e produzida pela rede de *streaming* Hulu.

Palavras-chave: Parentesco. Gênero. Maternidade. Literatura.

Resumen:

Este artículo intenta reflexionar sobre los conceptos de la teoría del parentesco y sus implicaciones de la distopía creada por Margaret Atwood

¹Mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (PPGAS/UnB). E-mail: beatrizlimaribeiro@gmail.com;



en el libro *The Handmaid's Tale*. Desde la sociedad altamente jerárquica de Gilead, uno puede pensar en los términos de la teoría del parentesco y los desafíos que se han planteado a lo largo de la historia de la disciplina. El papel de la mujer, funcionalmente marcado en esta sociedad, también cuestiona el lugar que juega la maternidad en la sociedad occidental. Para ampliar el análisis de estos roles y la comprensión de “ser mujer” en este universo, también utilizo el recurso narrativo audiovisual de la serie de televisión, inspirada en el libro, y producida por la red de *streaming* Hulu.

Palabras-clave: Parentesco. Género. Maternidad. Literatura.

Abstract:

This article intends to reflect on concepts of kinship theory and its implications from the dystopia created by Maragaret Atwood in the book *The Handmaid's Tale*. From Gilead's highly hierarchical society, one can think about the terms of kinship theory and the challenges that have been posed throughout the history of the discipline. The role of women, functionally marked in this society, also questions the place that motherhood occupies in Western society. In order to expand the analysis of these roles and the understanding of “being a woman” in this universe, I also use the audiovisual narrativa resource of the TV series, inspired by the book, and produced by the streaming network Hulu.

*Vendo, pois, Raquel que não dava filhos a Jacó,
teve Raquel inveja da sua irmã, e disse a Jacó:
Dá-me filhos, ou senão eu morro.
Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel e disse:
Estou eu no lugar de Deus, que te impediu
o fruto de teu ventre?
E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bila;
Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos,
E eu, assim, receba filhos por ela.
-Gênesis, 30:1-3*

Assim como este trabalho, o livro *O conto da Aia* é iniciado com o versículo do Gênesis 30:1-3, presente no Antigo Testamento: “e eu, assim, receba filhos por ela”. O fato de Raquel não dar filhos a Jacó a torna infeliz e incompetente enquanto mulher, na sua posição em fazer vingar “o fruto em seu ventre”. Jacó culpa Raquel pela incapacidade do casal de gerar filhos, já que Jacó, como homem, seria a imagem de Deus. Ao afirmar “eu estou no lugar de Deus”, o marido se coloca como onipotente e exímio de falhas torpes da espécie humana. A culpa é de Raquel, que ascende a ira de Jacó ao implorar-lhe por um filho; assim como foi culpa de Eva a perdição do homem pela maçã e sua saída do paraíso. Como solução para sua culpa, Raquel oferece sua criada Bila para que Jacó a engravide e, assim, possa cuidar dos filhos de sua criada com seu marido como se fossem seus. Em Gênesis 30:1-3 está o princípio da sociedade idealizada por Margaret Atwood, autora da obra, e serve de inspiração e justifi-

cativa para o ritual elementar que ocorreria dentro das famílias de elite de Gilead, universo ficcional da história. Nessa perspectiva, este trabalho focará numa análise da estrutura familiar de Gilead, com base nas teorias de parentesco desenvolvidas pela antropologia. Com o auxílio narrativo e imagético da série de TV inspirada pelo livro, também mergulharemos nesta história através deste outro recurso artístico afim de incrementar a análise de uma história que muito nos diz sobre nosso próprio mundo¹.

“O conto da Aia” ou “The Handmaid’s Tale”, em seu título original, se passa num futuro distópico na região dos Estados Unidos, América do Norte. O contexto histórico por trás da vida atual dos personagens consiste numa guerra civil fomentada por grupos extremistas cristãos. O Estado democrático estadunidense é derrubado, dando lugar a uma teocracia baseada nos preceitos do Antigo Testamento. A nova República de Gilead é instalada e com ela uma nova organização social é estabelecida, com medidas disciplinadoras por parte desse Estado teocrático. Com o poder de um Estado centralizador, o manejo populacional é realizado em castas na qual cada uma teria um objetivo na missão de inverter uma crise mundial dentro deste universo: o baixo nível de natalidade e a suposta esterilidade de muitas mulheres pelo mundo. Diante dessa crise, a culpa é colocada nas mulheres e na sua crescente infertilidade causada por hábitos característicos da “modernidade”. A presença de mulheres no mercado de trabalho e postos de poder associados ao masculino estaria desfocando as mulheres de seu objetivo: a maternidade. Perante a “escassez” de mulheres férteis e, conseqüentemente crianças, ambas se transformam em bens caros a essa sociedade, e a elas são atribuídas fortes categorias valorativas. É a partir desse cenário que a crise se acentua e culmina na formação da República de Gilead.

Após a formação desta nova república, o grupo religioso no poder reorganiza a estrutura social da antiga sociedade norte americana, onde as mulheres são funcionalizadas dentro das famílias de elite de Gilead. Não só entre as mulheres, mas todos os integrantes da sociedade são classificados, identificados e caracterizados de acordo com sua função na estrutura social da comunidade. Aqueles no centro do poder seriam os comandantes, homens que governam Gilead e encabeçaram o golpe de Estado teocrata. Assim como Margaret Atwood nos apresenta no início de seu livro com a passagem do Gênesis, a organização social dessa sociedade é voltada para os preceitos bíblicos do Antigo Testamento e, mais especificamente, ligadas a um protestantismo radical. No núcleo familiar de elite deste universo, o comandante é o chefe da família e em sua casa há mulheres para servi-lo e a Deus. Líder no seio familiar e no seio da sociedade.

No espaço temporal em que a história transita, os personagens encontram-se em um momento de mudanças de paradigma, com o fim da guerra civil e o período transitório entre a realidade anterior e o novo tipo de organização social consequente da guerra. Todos os presentes na república de Gilead teriam vivenciado o Estado norte americano anterior, e o clima tenso de guerra ainda reinaria. De caráter autoritário e ditatorial, toda rua de Gilead é vigiada, assim como seus moradores, vivendo em constante tensão e desconfiança. Ao longo da leitura, o clima tenso e a compreensão dos acontecimentos são repassados pelos olhos de June, uma mulher com função de *Aia* e pertencente à casa do comandante Fred e sua esposa Serena. Logo descobrimos que June é um produto escasso e de valor, mulher fértil, e é isso que lhe dá o título de *Aia*. Juntamente a outras como ela, sua condição e, conseqüentemente, função são representadas pelo constante e restrito uso de vestes vermelhas.

Na narrativa descrita no versículo do Gênesis, June seria aquele terceiro ente invisível, mas essencial, na história de Jacó e Raquel: a criada Bila. Sua invisibilidade é constantemente reafirmada nesse universo, com sua identidade reduzida à condição “fértil”, ao vermelho. Assim, seu nome é retirado e é renomeada com o nome Offred (numa tradução literal: “De Fred”), ou seja, é serva ao comandante, ser masculino em semelhança à imagem de Deus, enquanto tem a função de engravidar de seu comandante e dar um filho a ele e a sua esposa. Ela é um dos entes necessários para o funcionamento da engrenagem familiar de Gilead.

Dentro desta engrenagem, outras parcelas da população feminina têm papel diferenciado, mas essencial. As *Esposas* são mulheres casadas com os comandantes da elite de Gilead e, por definição, seriam inférteis. Assim como as demais *Esposas*, Serena sempre utiliza roupas de cor azul-esverdeada e sua função para o bom funcionamento estrutural da família seria o de administradora do lar, tal como o cuidado da casa e de seus serventes. Há o destaque para um terceiro grupo de mulheres do grupo doméstico, as chamadas *Marthas*. Sempre vestidas de bege, sua tarefa é a realização dos trabalhos domésticos. Por último, há o grupo das *Tias*, sempre de roupas marrom, é responsável por “evangelizar” as *Aias*, “cuidar” de sua fertilidade e assisti-las durante o período de gravidez. As mulheres, nas suas diferenças, são separadas, categorizadas e fortemente representadas por uma cor afim de marcar imagetivamente suas diferenças de status. Entretanto, pela sua igualdade de sexo, todas são igualmente proibidas de ler, escrever e, mesmo as *Esposas*, de realizar qualquer função que não esteja ligada à domesticidade e à maternidade.

As separações desses arquétipos femininos, sua compartimentalização grupal e funcional, seria uma expressão das com-

preensões socioculturais dessa sociedade em torno do entendimento do que é “ser mulher”. Neste universo, este entendimento estaria diretamente associado ao caráter biológico do corpo feminino, que engravida e dá a vida. Nicholson (2000) realiza uma análise das concepções sociais sobre sexo e gênero nas sociedades ocidentais, apontando como os aspectos essenciais do gênero seriam causa de “fatos da biologia”, dominante em sociedades industrializadas². A autora destaca como o “biológico foi assumido como base sobre a qual os significados culturais são constituídos” (NICHOLSON, 2000, p.11). Dentro da distopia de Atwood, a tradição de pensamento euroamericana está presente e, portanto, faz parte do desenvolvimento semiótico e prático da construção sobre o gênero no mundo ocidental. Ainda de acordo com Nicholson (2000), houve uma tendência de foco na materialidade do *eu* a partir do século XVIII, ou seja, no entendimento do corpo como uma fonte de conhecimento sobre o *self*. Esse processo significou a elaboração e a explicação de distinções previamente existentes através de novos termos e meios. A distinção entre o masculino e o feminino³ já existia, mas o crescimento da metafísica materialista teria transformado o sentido das características físicas como marca de distinção entre o masculino e o feminino³. Para além disso, mudanças sociais congruentes com o aparecimento da metafísica materialista também suscitaram uma diferenciação cada vez mais dual entre o masculino e o feminino, como a separação entre a esfera pública e privada. Nesse sentido, a formação das sociedades regidas por um estado moderno e a separação da esfera pública como, totalmente masculina e administrativa da sociedade, desencadeou a concentração dos domínios da vida social nas mãos dos homens (SEGATO, 1998, p.7)

Antes desse período, as diferenças e o relacionamento entre

homens e mulheres, na sociedade ocidental, tomavam como fonte de autoridade textos como a *Bíblia* ou outros ligados à antiguidade, o corpo em si não era tido como fonte dessa distinção (NICHOLSON, 2000). O corpo passa a se tornar autoridade representante da natureza e, por isso, “assumiu o papel de ‘voz’ da natureza [...], o corpo tinha que ‘falar’ essa distinção” (NICHOLSON, 2000, p.21) de forma que passa a constituir a ideia de uma “identidade sexual”, o eu masculino e o eu feminino enraizados num corpo precisamente diferenciado. Esse fundamentalismo biológico basearia a construção binária e determinista do pensamento ocidental no mundo, transformando características femininas ou masculinas (construídas socialmente) como essencialidades naturais.

Em Gilead, as separações e representações entre o feminino e o masculino acabam por assumir uma característica híbrida. Ao mesmo tempo que as relações sociais impostas e os papéis sociais atribuídos têm base nos textos do Antigo Testamento, a condição de infertilidade e baixa natalidade também associa esses papéis à condição biológica entre homens e mulheres. A *Bíblia* fomentaria a noção de diferença entre homens e mulheres a partir de seu status diferenciado – hierarquicamente –, ao mesmo tempo que a biologia (o corpo) atribuiria a naturalização das funções sociais impostas naquele mundo. Esse caráter biológico acaba também por justificar a suposta universalidade da categoria mulher neste mundo em torno das proibições e repressões postas a elas. Ou seja, a universalidade de seu status biológico justificaria as sanções sociais impostas às mulheres. O caráter binário do pensamento ocidental se expressaria nesse mundo também através da separação total entre a esfera pública e privada, em que tudo que é relacionado ao público, ao masculino, é negado às mulheres, como a possibilidade de ler e escrever, significando um monopólio masculino do capital

intelectual. Dentro do desenvolvimento do sistema capitalista (da qual os EUA e Gilead fazem parte), a identidade sexual se torna um suporte às funções do trabalho, transformando o gênero não só em um caráter puramente cultural, mas também que pode ser enxergado como parte das relações de classe (FEDERICI, 2017). Assim, exacerbada em Gilead, a feminilidade seria construída como uma função trabalho “sob o disfarce de um destino biológico”, focalizada especificamente no grupo de *Aias* (FEDERICI, 2017, p.31).

Entretanto, o problema primordial desse universo, a dita esterilidade das mulheres, traz desafios e suscitou estratégias para encaixar o que agora significaria “ser mulher”. A suposta condição única do corpo feminino, engravidar e ter filhos, agora não pode ser a associação total a esse feminino. Portanto, foi necessária a separação funcionalista das mulheres nos diferentes arquétipos socioculturais da mulher. O “ser mulher” é naturalizado através dos papéis sociais atribuídos a elas, construídos culturalmente na tradição ocidental. Portanto, nesse mundo, “ser mulher” é ser mãe, dona de casa (*Esposa*), servente (*Martha*) e receptáculo biológico (*Aias*). Dessa forma, o gênero continua sendo diretamente relacionado ao sexo biológico na medida que representa os símbolos relacionais (entre homem e mulher) nessa estrutura social. Tal estrutura é “mais das instituições que dos sujeitos sociais que por elas transitam; que faz parte antes do mapa cognitivo com que esses sujeitos operam do que de um identidade estável supostamente inerente à sua constituição” (SEGATO, 1998, p.11). A interpretação dos símbolos anatômicos faz parte da construção histórica e social de uma cultura, na relação entre seus indivíduos.

Ainda, há um elemento deste mundo que reafirma a universalidade do “ser mulher”, e une as separações arquetípicas dentro de um ritual doméstico e institucionalizado. A chama-

da *Cerimônia* constitui-se enquanto ritual na medida que atesta e eleva os papéis sociais caros à sociedade teocrática, reafirmando esses papéis e exaltando suas diferenças. Baseado no provérbio do *Gênesis*, tal ritual representaria o ato de Raquel ao oferecer uma criada ao marido com o objetivo de consumir uma criança. No universo de Atwood, todo o grupo doméstico comporia a *Cerimônia*, novamente cada um com sua função, com foco no comandante, sua esposa e na *Aia*. Em primeira pessoa, June (ou Offred) descreve momentos preparatórios da *Cerimônia*:

Eu espero que as pessoas pertencentes à casa se reúnam. *Pertences da casa*: é isso que somos. O comandante é o chefe, o dono da casa. A casa é o que ele possui. Para possuir e manter sob controle até que a morte nos separe [...]. Cora entra primeiro, depois Rita, esfregando as mãos no avental [...], todos eles precisam estar aqui, a *Cerimônia* o exige [...]. Rita faz uma carranca para mim antes de entrar e assumir sua posição de pé atrás de mim. É minha culpa, esse desperdício de seu tempo. Não minha, mas de meu corpo, se houver uma diferença (ATWOOD, 2017, p.99)⁴.

Na composição deste cenário todos os “pertences” da casa estariam presentes em pé e somente a *Aia* sentada de joelhos à espera do comandante e sua esposa. Após o posicionamento das *Marthas* e da *Aia*, chega a esposa, que espera o bater do comandante à porta, “O bater é prescrito: presume-se que ele deva pedir permissão para entrar” (ATWOOD, 2017, p.106). Todos completamente vestidos, a esposa deve sentar-se na cama, a *Aia* coloca a cabeça em seu colo e lhe oferece as mãos para que a esposa as segure. June esclarece a razão de tais movimentações quando descreve: “Meus braços estão levantados; ela segura minhas mãos, cada uma das minhas numa das dela. Isso deveria significar que somos da mesma carne, um mesmo ser. O que

realmente significa é que ela está no controle do processo e portanto do produto. Se houver algum.” (Atwood, 2017, p. 115).

O *Gênesis* 30:1-3 é professado pelo comandante e ele deve penetrar a *Aia* e ejacular. A Cerimônia, assim, coloca-se como um momento ritualizado, “não é recreação, nem mesmo para o Comandante. Isto é trabalho sério. O Comandante também está cumprindo seu dever” (ATWOOD, 2017, p.116). O caráter ritual da cerimônia é, portanto, acentuado pelo “dever moral” socialmente cultuado nessa sociedade e reafirmado pelos detentores do poder político e religioso. Ou seja, o ritual tem a função de exacerbar e confirmar os valores compartilhados. O nascimento de uma criança seria o último passo para a completa formação de um núcleo familiar e, portanto, para o próprio funcionamento de uma sociedade temente à Deus. “Bendito seja o fruto”, ou seja, o fruto da cerimônia, uma criança, é a frase final que fecha o ritual atestando seu objetivo primordial.

Seus líderes e suas mulheres seriam aqueles mais dignos de constituir tal família. As mulheres dos comandantes, inférteis, são dignas pois se inclinam à vontade divina de tomar a maternidade enquanto um espelho de quem são. A culpa posta às mulheres pela crise de natalidade se relacionaria à negação de sua vocação natural à maternidade; é o lugar de pecadoras, antinaturais, “eram mulheres preguiçosas, eram mulheres vagabundas” (ATWOOD, 2017, p.138). A recusa à maternidade pelo ser feminino seria um pecado original nessa nova sociedade, onde todos são culpabilizados pelas inclinações não divinas desse ser. Ou seja, as mulheres teriam um caráter bestial, selvagem e avesso à razão: eram preguiçosas porque não cumprem seu trabalho, sua missão.

O sentimento de claustrofobia que a narrativa de June nos passa em palavras foi também repassada através da série de televisão⁵ produzida pela rede de *streaming* norte-americana *Hulu*,

lançada em 2017. A série expande o universo trazendo para o espaço audiovisual outros elementos que enriquecem a experiência enquanto leitor e espectador. Na sua produção, o clima do universo de Atwood é construído por meio de cortes de câmera, enquadramentos de imagem e utilização das cores. Parte da vida de June na sua sobrevivência diária, bem como nos seus pequenos atos de resistência dentro do regime, são representados através de outros mecanismos artísticos para a experiência audiovisual. No livro, somente nos é narrado o momento presente do um governo teocrático. Na série, por outro lado, são apresentados alguns *flashbacks* da transição de um mundo pré-Gilead para essa nova constituição social. Novamente através do olhar de June, conhecemos seu marido e sua filha, de quem foi separada pelas forças do governo teocrático. Uma das poucas mulheres ainda férteis nesse universo, June é raptada junto a outras com sua condição quando o novo regime é instaurado. Num processo de transição para se tornar *Aias*, essas mulheres são doutrinadas seguindo os preceitos teocráticos através das *Tias*. Elas são evangelizadas antes de serem direcionadas à casa dos comandantes a partir de leituras do Velho Testamento, sendo ensinadas a não falar, a serem obedientes, a serem gratas pelo milagre de sua condição e a se contentar com seu novo papel. “Somos úteros de duas pernas, apenas isso: receptáculos sagrados, cálices ambulantes” (ATWOOD, 2017, p.165).

O livro, como a série, sendo contados a partir da perspectiva de June, navegamos neste mundo através de seus pensamentos, em reflexões da personagem do que não se pode expressar oralmente, emocionalmente ou corporalmente. O contar da história através das telas de TV se utiliza de estratégias estéticas e de direção para repassar a sensação de um ambiente repressivo, onde mulheres, especialmente as *Aias*, tem sua identidade completamente anula-

da. Parte da vestimenta desse arquétipo feminino, além do clássico vermelho, é um tipo de capuz branco que limita sua visão periférica. Sempre de cabeça baixa, o capuz serve para lembrar-lhes sua posição de subordinação. A diretora da primeira temporada da série, Reed Morano, maneja esse elemento vestuário para compor o clima de tensão e confinamento de June em sua própria mente, já que em Gilead seu corpo é somente "Offred". Na série televisiva, muitos dos cortes de câmera são feitos diretamente no rosto de June, interpretada pela atriz Elizabeth Moss, e suas emoções são expressas de outras formas que não o diálogo. Nisso a linguagem audiovisual se anuncia: os *close-ups* claustrofóbicos da câmera nos fazem lembrar que tais mulheres estão presas em Gilead, assim como na construção do corte de imagem. Alguns desses cortes, colocam-nas nos cantos de cada *frame* representando sua posição marginal; e outros, onde a câmera de cima, focaliza as personagens acentuando sua falta de poder nesse universo. Destacando o caráter repressor a todas as mulheres, e não só às *Aias*, as cenas em que Serena aparece também a colocam em posição marginal e de subalternidade. Mesmo sendo parte de um dos mais poderosos núcleos de Gilead, ainda é mulher, ainda representa um arquétipo do feminino, sem poder ou decisão formal naquela estrutura.

A história, tanto como leitores ou expectadores, é envolvente e traz questões inúmeras para aqueles que a assistem, narrando um mundo radicalizado, mas que representa valores já existentes na sociedade estadunidense, e talvez digamos a ocidental. Dessa forma, trouxe parte dos elementos da obra afim de pensarmos sobre estrutura social e o funcionamento do grupo doméstico de Gilead, com foco na imagética construída sobre as mulheres na formação do parentesco.

Estrutura social de Gilead

A obra de Margaret Atwood se expande para outras searas, principalmente quando olhamos a escolha narrativa da autora na construção da história. O fato de eu-lírico ser uma das mulheres do grupo mais silenciado e reduzido desse universo, resgata sua individualidade retirada pela própria organização social de Gilead. Assim, traz a nuance de um mundo que busca ser rígido e perfeito em suas regras, onde todos agiriam de acordo com as funções estabelecidas dentro da estrutura. A construção social de Gilead, na formação dessa nova nação, foi construída por aqueles que encabeçaram a tomada do poder por um viés teocrático. Constrói-se idealmente uma sociedade onde todos tomariam seus papéis em coerência, em que se coloca em evidência e importância as relações sociais para que a estrutura funcione de forma coesa. A noção de individualidade é reprimida dando lugar à ideia de “bem maior”. Podemos associar essa ideia à teoria de estrutura social e função social cunhada por Radcliffe-Brown (2013) nos estudos sobre organização de sociedades. Para o autor, o idioma do parentesco, com os estudos das relações de conjugalidade e filiação seriam uma ferramenta analítica e teórica profícua ao entendimento da organização social. A “teoria da descendência” desenvolvida por ele vê a família elementar como o átomo do parentesco e o seio da família como o lugar de reprodução dos valores e papéis sociais.

A idealização dos papéis a serem cumpridos em Gilead por seus habitantes seria, assim, essencial para manter o equilíbrio daquela sociedade, com suas incongruências sendo colocadas em segundo plano, não tendo espaço num regime totalitário como o teocrático. Para Radcliffe-Brown, na sua noção de equilíbrio estrutural, as incongruências também são esquecidas na análise, dando foco à estabilidade das relações. O autor entende que a

forma da estrutura sempre continuaria a mesma, mas o sistema seria dinâmico, atualizando-se dentro de sua unidade mais básica, a relação diádica entre pessoas. Essa ideia é presente essencialmente entre o grupo de *Aias*, visto que sua existência é somente percebida em relação a sua funcionalidade dentro do sistema. Quando uma *Aia* vai para a casa de um comandante ela se torna dele, ao exemplo de June, Offred (De Fred); entretanto, antes de June havia uma outra Offred, e depois dela também haverá outra. Ou seja, a estrutura se mantém, mas se atualiza dentro da relação diádica, mantendo sua mesma funcionalidade. Da mesma forma, as *Marthas*, *Tias* e *Esposas* são elementos fixos desse sistema, tendo uma função fixa e podendo ser substituídas pelos homens, sem um (suposto) desequilíbrio desse mundo.

Como já posto, tanto no livro quanto na série, essas mulheres são associadas a uma cor e a um arquétipo comumente ligados ao feminino. As *Aias* com sua função de engravidar, utilizam a cor vermelha, que representa a fertilidade e o sangue menstrual, bem como a luxúria; o milagre da vida e o pecado. A cor vermelha pode ser associada, assim, com personagens bíblicos pecaminosos como Maria Madalena. Ao mesmo tempo, a narrativa colocada perante as *Aias*, na evangelização feita pelas *Tias*, acentua o caráter sacrificial de sua posição. Sua individualidade é retirada e toda sua identidade é colocada enquanto grupal, perdendo seu nome e se tornando de seus comandantes, literalmente. As narrativas construídas pelas *Tias*, portanto, partem da importância do sacrifício que estão fazendo ao mesmo tempo que negam aquele mundo anterior pecaminoso, numa comparação entre os dois mundos:

Agora andamos pela rua, aos pares de vermelho e nenhum homem grita obscenidades para nós, fala conosco, toca em nós, ninguém assobia (ATWOOD, 2017, p.36).

Existe mais de um tipo de liberdade, dizia Tia Lydia. Liberdade de e liberdade para, a faculdade de fazer ou não fazer qualquer coisa, e liberdade de; que significa estar livre de alguma coisa. Nos tempos de anarquia, era liberdade para. Agora a vocês está sendo concedida a liberdade de (ATWOOD, 2017, p.36).

Somente as *Aias* perdem seu nome por completo, as outras integrantes mulheres do grupo doméstico de Gilead mantém seus nomes, mas suas funções também são marcadas. As *Esposas*, nos seus trajes azul-esverdeados são colocadas em contraste com o vermelho de Maria Madalena. Sua cor representa a pureza, a maternidade da Virgem Maria, ao mesmo tempo que coloca-as de forma assexuada, reduzidas a um estado virginal. O reforço da centralidade do papel materno, coloca a mãe como símbolo de abnegação, uma maternidade sacralizada. O vermelho e o azul-esverdeado contrastam claramente um com o outro, apontando como o sistema intencionalmente busca colocar esses grupos de mulheres como opostas. Esse vermelho também suscita uma identificação da sexualidade feminina com a bestialidade, a *Aia* representando esse caráter sexual da mulher, e a esposa, o ideário de pureza e santificação.

As *Marthas*, mulheres solteiras, não casadas e inférteis cabe o uso do bege, que promove sua mistura ao ambiente. São serventes que pertencem ao lugar do invisível. As *Tias*, por outro lado, são masculinizadas, e sua função, como a semelhante de um capitão do mato, serve para ensinar e amaciar outras mulheres para dentro do sistema. A utilização da cor marrom é remanescente de vestimentas militares, representando disciplina e autoritarismo. As *Tias* são, neste papel masculinizado, as únicas que podem ler, escrever e estabelecer relações outras que não as do doméstico. Assim, se unirmos todas as mulheres (em exceção das *Tias*) num

mesmo espectro estão separadas pelas funções esperadas de uma mulher na sua totalidade: amante, mãe, cuidadora do lar; a puta, a virgem e a serviçal. A série televisiva mostra constantemente o que no livro fica mais subentendido: as tensões e conflitos entre esses diferentes grupos de mulheres. Na distopia de Atwood, a tensão e quebra do sexismo “original” estado unidense é consequência da suposta nova condição biológica das mulheres. Assim como elabora Callaway (2016), o controle patriarcal e a misoginia em Gilead são atualizados com o fortalecimento de uma rede matriarcal que reforça diferenças e hierarquias entre mulheres. Para o funcionamento de Gilead seria necessário o ódio entre mulheres.

A relação conflituosa entre Serena e June é especialmente representada na série, que mostra o clima de tensão entre a “dona do lar” e o “receptáculo biológico”. A presença de June seria um perigo para Serena devido à sua condição excepcional de fertilidade e lugar de subalternidade máxima dentro da hierarquia do núcleo familiar. Serena constantemente a castiga e humilha. A desconfiança sob o caráter bestial do “feminino” recai com força nas *Aias*, sendo causadoras de tensão e problemas. A relação de June com as outras mulheres da casa, as *Marthas*, também é representada na série demonstrando como as *Aias* são encaradas com desconforto, desconfiança e um fardo ao seio familiar. Para as *Marthas*, as *Aias* só trariam mais trabalho e dificuldades no equilíbrio da casa. As *Tias*, por outro lado, têm esse papel masculinizado que doutrinaría a bestialidade dessas mulheres, que as ensinariam a controlar seus impulsos. Callaway (2016) aponta como a obra literária de Atwood também serve como uma crítica ao movimento feminista e a universalização presente nesse campo teórico na discussão sobre o “ser mulher” e a(s) feminilidade(s). O livro de Atwood traz à tona a importância da percepção das desigualdades sociais entre

mulheres, resultantes de contextos históricos e relações de poder específicas. As falácias construídas na universalização do que chamamos “ser mulher”, perpassa um caráter colonizador por parte de pensadoras ocidentais. Ao estabelecer uma equivalência universal entre as mulheres, também estabelecem a possibilidade de comparação hierárquica e valorativa entre elas (SEGATO, 1998).

De forma contrastante, todos os homens em Gilead utilizam o preto, não havendo uma diferenciação imagética entre os comandantes e outros que não estão neste espaço de poder. Uma universalização como esta, pressuporia um apagamento de uma suposta identidade de cada homem. Entretanto, dentro do universo de Gilead, quando em comparação com as mulheres, a universalidade de sua roupa representa uma flexibilização desses espaços funcionais fortemente marcados. Homens, imagem de Deus, podem ser um algo além do que a função atribuída na estrutura, seria a partir deles que a relação diádica pode ser dinâmica. O funcional-estruturalismo de Gilead, portanto aplica-se fortemente às mulheres de forma patriarcal, associando sua funcionalidade a seu caráter biológico.

A semelhança do universo de Gilead com a teoria elaborada por Radcliffe-Brown, demonstra como tal autor coloca em evidência em sua análise o mundo masculino, como somente ele possui o lugar de poder e decisão. Em estudos posteriores a Radcliffe-Brown, critica-se a posição do autor ao focalizar somente o poder e a vida social masculina, deixando o espaço de atuação feminino confinado ao doméstico e sem poder efetivo. Quando o autor entende que a organização social se baseia diretamente no parentesco e no sentimento de pertencimento construído através dele, focaliza-se somente as relações e, em consequência, transferência de direitos pela parte masculina, seja em um sistema patrilinear ou matrilinear (irmão da mãe).

Além disso, podemos destacar que neste mundo extremamente funcional-estruturalista, o grupo doméstico busca a filiação como unidade de seu sistema, como seu objetivo final, mas encontra dificuldades devido à crise de fertilidade. Dessa forma, a aliança se tornaria, idealmente, um caminho de extrema importância para garantir a descendência da elite de Gilead. Entretanto, visto que a aliança e, portanto, a conjugalidade não significam necessariamente a formalização da descendência, a forma de garanti-la é realizada pelo subjugar de mulheres terceiras, de um útero com pernas incluído no ambiente doméstico. Vale ainda destacar como para a teoria de Radcliffe-Brown, a troca matrimonial (a aliança) seria um fator de instabilidade ao sistema perfeitamente estruturado, visto que um ente externo seria incluído e representaria potenciais questionamentos ao funcionamento desse sistema. O casamento, portanto, seria entendido como uma situação de liminaridade, de tensão iminente à manutenção do sistema.

Entretanto, dentro do universo de Gilead, o que traz a possível instabilidade de forma marcada é a entrada das *Aias* no seio familiar. Apesar de serem as consideradas de menor status e submissas, possuiriam um poder não dito, sendo as únicas mulheres férteis desse mundo e, portanto, um elemento cambiável de imenso valor. Por isso, somente os núcleos poderosos de Gilead possuem *Aias*, sendo material meio para um objeto de ainda mais valor: crianças. A instabilidade através da *Aia* atesta seu poder com o uso do vermelho também suscitando a capacidade de rebelião e revolução dessas mulheres nesse mundo.

A construção desses arquétipos femininos, a demonização de sua sexualidade e o domínio de seu corpo seriam um fator essencial para o desenvolvimento de um sistema abrangente no mundo: o capitalismo. Os Estados Unidos, centro capitalista hoje e

na história de uma pré-Gilead faria parte desse processo histórico de acumulação, que só teria sido possível a partir da subjugação e reorganização do lugar feminino na sociedade ocidental. Segundo Silvia Federici (2017), juntamente com a mecanização do corpo proletário, o desenvolvimento do capitalismo necessitou da criação de uma nova ordem patriarcal, com a exclusão das mulheres do trabalho assalariado, sua subordinação aos homens e a sua transformação em máquinas de produção de novos trabalhadores.

No brilhante livro *O Calibã e a Bruxa*, a autora destaca que esse período de ruptura contou com um movimento de genocídio com a morte de milhares de mulheres, a caça às bruxas, que buscou “destruir o controle que as mulheres haviam exercido sobre sua função reprodutiva e serviu para preparar o terreno para o desenvolvimento de um regime patriarcal mais opressor” (FEDERICI, 2017, p.30). O domínio sobre o corpo feminino também passou por novas valorações sobre o “ser mulher”, com a caça às bruxas também assumindo uma conotação sexual. Haveria uma relação entre essas bruxas e o diabo, resultado de pactos entre esses dois entes, sendo a bruxaria uma consequência da “luxúria insaciável das mulheres” (FEDERICI, 2017, p.338). Nesse sentido: “a caça às bruxas não só santificava a supremacia masculina, como também induzia os homens a temer as mulheres e até mesmo a vê-las como destruidoras do sexo masculino” (FEDERICI, 2017, p.338).

Podemos pensar como a lógica patriarcal que se desenvolve com o capitalismo se expressa em Gilead através da culpabilização das mulheres pela crise de natalidade. A sua suposta independência sexual anterior e a recusa da maternidade seria a razão para crise, este seria um movimento comum ao desenvolvimento capitalista com medos arraigados dos homens sob as mulheres. Sua sexualidade foi transformada em objeto de temor,

uma força demoníaca. A linguagem da caça às bruxas teria produzido um ser universalmente carnal e pervertido. A representação da *Aia* em vermelho também apresenta essa luxúria, ligada com o diabo, e portanto o seu caráter de potência ao caos, à disrupção da ordem. Seguindo Federici, a transformação da sexualidade feminina em trabalho se expressa em Gilead fortemente como um trabalho à serviço dos homens e da procriação. São então demonizadas tanto no “mundo real”, como em Gilead, as formas não produtivas e procriativas da sexualidade feminina.

O caráter bestial, ligado à natureza, das mulheres também se relaciona com a ruptura do homem com a natureza, com a desvalorização dos animais como o “outro” definitivo. A sexualidade desenfreada dos homens também era considerada impura, ligada à animalidade nessa transição para o capitalismo. Vemos isto em Gilead com a fala de June acerca da Cerimônia, onde afirma que o ato da cópula entre ela e o Comandante também seria incômodo e um dever para ele. Nesse mundo, há a exaltação do controle e a negação do sexo enquanto prazer, transformado em dever.

Maternidade e reprodução: como fica a filiação?

A existência feminina em Gilead é, como já posto, reduzida e fragmentada a funções correspondentes a uma suposta condição natural do feminino. Diante da crise de natalidade, a possibilidade de engravidar é elevada a um milagre, e o dever ainda maior da mulher com Deus e à essa sociedade funcionalista. Entretanto, vemos que a maternidade se coloca em outros termos neste mundo em razão da crise. A filiação é ressignificada, visto que as *Esposas* não gestam a criança, mas esta ainda lhes pertence. Assim, para compreender tal processo dentro de Gilead, vamos além da teoria clássica do parentesco masculinista proposta por Radcliffe Brown.

As teorizações que são desenvolvidas na segunda metade do século XX de viés feminista revolucionaram a teoria do parentesco ao refletir sobre gênero e maternidade. É a partir dessas reflexões que me proponho a realizar analogias entre o universo de Gilead e os paradigmas à filiação tragos pelas novas tecnologias reprodutivas atuais, como a doação de óvulos e a barriga de aluguel. Nesse sentido, apesar da obra de Radcliffe-Brown nos servir bem para o entendimento estrutural e idealmente funcionalista de Gilead, é com essas novas teorias que vemos os conflitos e tensões a essa estrutura dentro de um universo que vivencia mudanças de paradigma.

A construção de gênero, como aponta Franklin (2001), forma-se como uma tecnologia de produção de sentido, na organização de uma produção de diferença. A formação discursiva que se constrói através do gênero atua como um fundamento naturalizante, formando um dualismo e estabelecendo performances específicas do homem e da mulher. Assim como também coloca Haraway (1989), no discurso sobre o corpo, a biologia é posta como ditadora do real, como uma construção social discursiva sobre o corpo. Para Haraway (1989), assim como o gênero, o parentesco constitui-se como uma tecnologia de produção de efeito material e semiótico; ambos dentro do espectro da ciência e do biológico, refletem parte do poder do conhecimento biológico na capacidade de naturalizar o que pode ser eventualmente não natural.

Dentro da ideologia euroamericana, portanto, a conexão entre pessoas, entre corpos são pensadas através do parentesco, em relação a uma ligação genética e biológica. Assim, quando pensamos no desenvolvimento de novas tecnologias reprodutivas e as novas situações que aparecem com elas, esses pilares são reatualizados. Ao mesmo tempo, são tecnologias que tentam sempre aproximar esses “novos” parentescos ao “mais natural possível”,

mimetizando o parentesco “natural”. Como coloca Stratern (1972), a singularidade corporal é um signo e símbolo euro-americano, colocando-se em foco a individualidade cada vez mais ligada a signos que ligam o corpo e as relações sociais ao biológico e genético. Para a autora, o que a biotecnologia acrescenta é a possibilidade de ler diferentes identidades sociais no processo de concepção.

No mundo de Gilead, podemos ver a *Cerimônia* como semelhante a um processo de reprodução biotecnológico, relacionado à doação de óvulos ou à barriga de aluguel. Nestas últimas, há possíveis ambiguidades que podem ser suscitadas em relação a maternidade. Nos procedimentos de transferência de óvulo fertilizado, a associação da maternidade com o natural é questionada, separando a maternidade genética da maternidade gestacional. Nesse sentido, a dimensão da maternidade parece estar mais ligada com a gestação do que com o laço genético, ou seja, o que faz a mãe seria a gestação, a troca de substância entre ela e a criança.

A barriga de aluguel, por outro lado, toma outra forma dentro da dinâmica do parentesco e mais se assemelha a Gilead. Luna (2002) discorre como a paternidade depende de um reconhecimento de uma relação social para ser estabelecida, enquanto a maternidade é colocada como dada em razão da gestação da mulher e sua relação com o feto. Entretanto, quando pensamos a barriga de aluguel, a maternidade também dependeria do reconhecimento da relação entre a mãe social, que idealizou a gestação, e a mãe substituta que gestou em favor da primeira. Dentro da relação *Aia-Esposa*, a *Aia* é vista como receptáculo do bebê e a esposa, ao longo da gestação dela, acompanha-a como se ela mesma estivesse grávida. A *Cerimônia* busca, além de naturalizar o parentesco, também mimetizar o ato de copulação e, bem como coloca June, estabelecer uma mensagem de que o “produto” da

Cerimônia seria da esposa. A maternidade da esposa é socialmente reconhecida através de inúmeros signos construídos dentro da própria estrutura social de Gilead, na separação arquetípica entre mulheres, bem como durante todo o processo gestacional da *Aia*.

Luna (2002) ainda aponta como a doação de óvulos é representada como assexual, diferentemente da de espermatozoides, e mantenedora dos ideais tradicionais de família. Acentua-se o altruísmo da mulher que doa o óvulo, bem como daquela que é barriga de aluguel, elas seriam mulheres empáticas ao sofrimento alheio. Este é um discurso semelhante e constantemente reproduzido pelas *Tias* às *Aias*, focalizando o seu ato de bondade e reconhecimento do milagre da vida. Assim, a maternidade é reconceitualizada de forma a se acomodar às estruturas já existentes de parentesco. A existência de uma maternidade social e genética é presente, mas busca ser constantemente apagada em Gilead, visto que as *Aias* em si só seriam máquinas de reprodução, reduzidas a este propósito. Delas não é esperado o cuidado materno e a própria prática da maternidade, pois tal papel é somente destinado às *Esposas*. Assim como coloca Luna:

A imagem do receptáculo serve para contornar questões que contrariam a ideologia sobre a maternidade [...]; o receptáculo não formará relações com a criança. Dessa forma a substituta assume uma posição ambígua, pois, por um lado, separa-se de suas capacidades reprodutivas ao alienar seu útero, cortando sua relação com o feto, por outro lado, reifica-se como mulher na representação feminina do vaso (LUNA, 2002, p.261).

Enquanto mães-máquina, as mulheres barriga de aluguel e as *Aias*, como substitutas, representariam híbridos de exaltação da biologia do feminino e da negação à maternidade na sua sociabilidade. Assim, na experiência de substituição gestacional após o

nascimento da criança, a mãe substituta deveria tornar o parentesco da biológica com a criança irrelevante. Ao mesmo tempo, Luna (2002) destaca a relação de poder entre aquelas que são barriga de aluguel e às mulheres que buscam esse serviço. No caso de países como os Estados Unidos em que a barriga de aluguel pode ser realizada através de troca monetária⁶ há uma situação de vulnerabilidade social de mulheres que são barrigas de aluguel, muitas vezes sendo de classes mais baixas. Assim como em Gilead, as *Aias* representam um grupo marginalizado socialmente e existente somente para as famílias de elite do regime teocrático. A fertilidade torna-se um mercado e tais relações (e pessoas) são transformadas em bens.⁷

Ainda, para além do par de oposição homem/mulher, algumas teorizações da antropologia também trouxeram reflexões sobre as diversas ordens duais do pensamento ocidental. No marcante trabalho de Sherry Ortner (1974), “Está a mulher para o homem assim como a natureza está para a cultura?”, a autora faz uma análise sobre a relação entre esses dois pares. A partir do pressuposto estruturalista de Lévi-Strauss, ela compreende as associações de oposição entre natureza/cultura, mulher/homem, no qual a mulher seria referente à natureza/passividade e o homem à cultura/ação. A cultura “conquistaria” a natureza, ou seja, manejaria e desbravaria o selvagem, o desordenado. Do mesmo modo, o homem, racional, domina e domestica a mulher, selvagem, dentro da sociedade patriarcal. Apesar das críticas ao caráter universalista do trabalho de Ortner⁸, ele é interessante justamente para pensarmos como a associação ocidental da mulher ao “natural”, é ressignificada em Gilead. A maternidade da esposa dentro desse mundo não é pressuposta, um caminho natural, a filiação necessitou ser afirmada socialmente.

Em nossa sociedade o parentesco masculino é colocado em dúvida e, portanto, deve ser reificado socialmente, relacionando-se

ao aspecto “cultural” da filiação. Em consequência, o parentesco da mulher em relação à criança seria irredutível e inquestionável, ligado diretamente à esfera do natural. Em Gilead, por outro lado, a paternidade (idealmente) seria inquestionável visto a ritualização do ato de copulação pela *Cerimônia*; e, a maternidade é, do outro lado da moeda, legitimada culturalmente em um “como se” a criança fosse geneticamente da esposa. É a convenção social que irá estabelecer se e qual laço deve contar para determinar a maternidade.

Assim, a quebra do vínculo entre representações de instinto materno e de uma maternidade natural nas práticas de “mãe substituta” e da *Aia*, ultrapassam as representações de gênero existentes idealmente na sociedade estrutural funcionalista de Gilead. Ao mesmo tempo, outras características ligadas à mulher são reforçadas ao arquétipo da *Aia*, que abdica totalmente de sua individualidade e liberdade de ser, para o altruísmo em gestar para outra num ato de bondade, carinho e solidariedade.

Atwood em um de seus comentários sobre sua obra coloca que “a República de Gilead é construída sobre a base das raízes puritanas do século XVII que sempre estiveram por baixo da América moderna que pensávamos conhecer”. Dentro de Gilead novas estruturas são colocadas, entretanto seus elementos principais já estavam presentes dentro da sociedade que a antecedeu, nas noções específicas sobre homem e mulher, bem como nas dimensões de poder representadas na obra. Atwood cria uma narrativa no seio da nação que se entende como “da liberdade” e do suprassumo do individualismo moderno. Igualmente nas novas tecnologias reprodutivas atuais, esses valores são reafirmados, onde o *self* é como fonte das tomadas de decisão e representante das virtudes da ação autônoma (STRATERN, 1972). A semelhança entre as práticas reprodutivas da biotecnologia e a de Gilead, teriam princípios em

comum dentro deste individualismo, mas que é exacerbado no universo ficcional. A separação arquetípica da mulher também define quem tem o direito desse *self*, e quem deve abdicar dele para que a estrutura social possa idealmente se manter. A *Cerimônia* é representação ritual máxima que reforça os papéis sociais de cada componente do núcleo familiar: reforça o poder máximo do homem, exacerbando o *self* masculino com o ato da cópula, de fazer um filho seu; a submissão da esposa e seu papel de *madonna*; e a subjugação da *Aia*, transformada em objeto de valor intercambiável.

Ao mesmo tempo, podemos pensar como a construção de um núcleo familiar nesses termos só foi possível pois, de algum modo, já havia um modelo comum na sociedade anterior à Gilead. O conceito de maternidade e família já adquirira complexidade em razão da expansão das tecnologias contraceptivas e conceptivas, onde “a maternidade biológica já não é mais o primeiro critério que designa uma mãe [...] A fragmentação do papel de mãe é um dos impactos evidentes para o que é chamado de família artificial” (SCAVONE, 2001, 145). A família de Gilead não é aquela narrada pelos textos bíblicos, mas busca reproduzir seus princípios e reinterpretar seus signos. Scavone (2001) desenvolve como a perspectiva de gênero possibilitou a visualização da maternidade como um pluri-signo nas discussões feministas: símbolo de um ideal feminino, símbolo de opressão, símbolo de poder e outras inúmeras ressignificações. Nesse sentido, o rearranjo social necessário a formação familiar de Gilead também é uma dessas ressignificações.

As transmutações da noção de família e das relações entre gêneros na “modernidade” ao mesmo tempo que possibilitou a formação familiar de Gilead, também é apontada como a razão para a crise em que vivem naquele universo. Dentro de um mesmo processo histórico, as rupturas fomentadas pelo golpe teocrático

foram de alguma forma possíveis em razão dos valores e relações sociais presentes em algum nível na sociedade norte americana. Ao mesmo tempo que o crescimento das tecnologias reprodutivas teriam possibilitado o rompimento das mulheres com o destino inevitável da maternidade, os métodos contraceptivos também as possibilitaram a entrada no meio público, e no mercado de trabalho - diluindo esse espaço destinado ao masculino. Entretanto, o golpe de Gilead significou a radicalização da conquista do corpo feminino pelos homens, com a procriação, gestação e nascimento de crianças sendo completamente controladas pelo sistema patriarcal. Federici (2017) destaca que o domínio do corpo feminino, necessário à acumulação de trabalho e riqueza, estende-se ao mundo “moderno”, e as tecnologias reprodutivas representariam uma falsa noção de liberdade e independência das mulheres. Representariam mais um movimento de dominação e monetarização do corpo, num “investimento institucional no desenvolvimento de novas tecnologias reprodutivas que, mais do que nunca, reduzem as mulheres a meros ventres” (FEDERICI, 2017, p.37).

Em *O conto da Aia*, Gilead mostra-se como uma sociedade extremamente Radcliffiana focalizando na função de cada indivíduo para que a estrutura social consiga se manter, não só em equilíbrio, mas existir ao buscar o aumento da natalidade. Ao mesmo tempo, os princípios de filiação e parentesco firmados por Radcliffe-Brown encontram incongruências dentro desde universo, onde sua associação e análise do parentesco são fundadas a partir de noções pré-concebidas de reprodução humana e das relações biologicamente definidas, mas que são essencialmente características da própria cultura euroamericana (SCHNEIDER, 1972). Creio, assim, que a obra de Atwood nos permite mostrar que tanto o parentesco, como o gênero são, antes de tudo, sistemas culturais

e não conjuntos de relações biológicas. Além disso, pode nos dar um vislumbre de um desenvolvimento possível de radicalização de valores dentro do sistema que hoje vivemos, resultado da formação do sistema capitalista, no seu caráter dominador e destruidor. Dominação esta que dependeu da supressão da sexualidade e do corpo feminino, representantes de poder e perigo para esse sistema¹.

Referências Bibliográficas:

ATWOOD, M. **O conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco. Tradução de Ana Deiró. 2017.

CALLAWAY, A. **Women disunited: Margaret Atwood's The Handmaid's Tale as a critique of feminism**. *Master's Thesis*, 3505. San Jose State University, 2008.

FRANKLIN, S. **Biologization revisited: kinship theory in the contexto of the New Biologies** In: S. Franklin & S. McKinnon (eds.), Durham & London: Duke University Press, 2001.

FEDERICI, S. **O Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Ed. Elefante, 2017.

HARAWAY, D. **Primate Visions: Gender, Race and Nature in the World of the Modern Science**. New York: Routledge, 1989.

LUNA, N. **Maternidade desnaturada: uma análise da barriga de aluguel e da doação de óvulos**. Campinas: Cadernos Pagu (19): 233-278, 2002.

NICHOLSON, L. **Interpretando o Gênero**. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

ORTNER, Sherry. **Is Female to Male as Nature is to Culture?**. In: Rosaldo, Michelle Z and Louise Lamphere (orgs.): *Women*,

Culture and Society. Stanford: Stanford University Press. 1974.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. Sobre o conceito de função em Ciências Sociais; Sobre a estrutura social. In: **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

SCAVONE, L. **A maternidade e o feminismo diálogo com as ciências sociais**. Cadernos Pagu (16), pp. 137-150. Unicamp, 2001.

SCHNEIDER, D. What is Kinship all about? In: **Kinship Studies in the Morgan Centennial Year**. Washington: Anthropological Society of Washington, 1972.

SEGATO, R.L. **Os percursos do gênero na antropologia e para além dela**. Série antropologia: UnB, 1998.

STRATERN, M. **Parestesco, direito e o inesperado: Parentes são sempre uma surpresa**. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.

Notas:

1 Destaco que me restringi à primeira temporada da série, pois é nela que há uma correspondência com a narrativa de acontecimentos descrita no livro. As temporadas seguintes são uma expansão da obra de Atwood, com a criação de novos personagens e novos ciclos narrativos.

2 Uma das primeiras contribuições da antropologia (e do feminismo) a esta discussão é a separação entre a categoria sexo e gênero, compreendendo o gênero como parte do construto social específico de uma sociedade. Assim, há a tentativa de dissociar o caráter universalista e determinista resultante da relação causal entre o biológico (sexo) e o social (gênero).

3 Vale o destaque como também aparece no período a ideia de raça. Ou seja, as diferenças (hierárquicas) entre os povos no pensamento ocidentais teriam relação direta com a constituição física dessas diferentes “raças”.

4 Rita e Cora são *Marthas* na casa do comandante Fred.

5 Com os três primeiros episódios dirigidos pela norte-americana, Reed Morano, a primeira temporada foi aclamada pela crítica e venceu oito prêmios *Emmy*, incluindo melhor série dramática de 2017.

6 No caso brasileiro, a barriga de aluguel só é permitida entre integrantes da família da mulher que busca o “serviço”. Seria uma espécie de barriga solidária, onde não é permitida trocas monetárias.

7 Em cena da série televisiva, uma representante diplomática mexicana vai à Gilead ver o sistema de aias e traça um plano comercial com Gilead no que tange a reprodução e a utilização de aias.

8 O trabalho de Ortner (1974) obteve críticas por seu pressuposto de que esta seria uma tendência comum de todas as sociedades, ou seja: a oposição hierárquica entre natureza/cultura, mulher/homem. Entretanto, nem toda sociedade humana compreende a natureza e a cultura como pares de oposição, ou mesmo coisas separadas. Não poderia haver uma subordinação universal da mulher nesses termos quando já se parte de um pressuposto essencialmente ocidental.